



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória
Comunicação Oral

**CINEMA E MEMÓRIA: UMA RECONSTRUÇÃO DA IMAGEM
SOCIAL DOS PERSONAGENS NORDESTINOS NO CINEMA
BRASILEIRO¹**

***CINEMA AND MEMORY: A RECONSTRUCTION OF SOCIAL IMAGE OF
NORTHEASTERN CHARACTERS IN BRAZILIAN CINEMA***

Francisco Arrais Nascimento, UFPE
junior.arraes@gmail.com

Andrea Carla Melo Marinho, UFRGS
andreacmmarinho@gmail.com

Fabio Assis Pinho, UFPE
fabiopinho@ufpe.br

Resumo: O Nordeste do Brasil se constitui como um espaço construído por meio dos discursos para além da divisão política. Tal construção discursiva da historiografia em torno do espaço geográfico do Nordeste o alocou como o lugar da seca, da ignorância e da pobreza, ressaltando assim as características climáticas, políticas e socioeconômicas. Objetivamos analisar as representações do personagem nordestino no contexto cinematográfico brasileiro, por meio de uma reconstrução memorial do cinema nacional. Metodologicamente este estudo está centrado em uma perspectiva qualitativa, de cunho exploratório, tomando enquanto campo os artefatos audiovisuais que apresentam em seu contexto fílmico personagens nordestinos. Por meio da reconstrução memorial das representações do nordestino no cinema nacional, foram encontradas 54 produções cinematográficas, sob o recorte cronológico 1930-2013, selecionadas segundo a disponibilidade, relevância e alinhamento com os objetivos da pesquisa. Após o término da análise fílmica se pode perceber que existem aspectos constitutivos de uma imagem regional por meio das representações do nordestino no cinema nacional.

Palavras-chave: Informação. Memória. Cinema.

Abstract: The Northeast of Brazil is constituted as a space constructed through the discourse beyond the political divide. Such discursive construction of historiography around the geographical space of the Northeast allocated as the place dry, ignorance and poverty, thus highlighting climate, political and

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

socioeconomic characteristics. We aimed to analyze the representations of the northeastern Brazilian character in the cinematic context, through a memorial reconstruction of the national cinema. Methodologically this study focuses on a qualitative perspective, of an exploratory nature, taking field while audiovisual artifacts present in his filmic context northeastern characters. Through the memorial reconstruction of northeastern representations of the national cinema, we found 54 film productions under the chronological cut from 1930 to 2013, selected according to availability, relevance and alignment with the research objectives. After the end of film analysis can be seen that there are constitutive aspects of a regional picture through the northeastern representations of the national cinema.

Keywords: Information. Memory. Cinema.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos hodiernos, segundo Martins (2014), podemos observar no contexto social um excesso de exposição de informações na mídia, além da facilidade de acesso dada a uma extensa produção de conteúdo para os diversos meios de comunicação e todo o aparato tecnológico. Em tal cenário pensamos ser, de fato, impossível que algum tipo de história ou memória seja esquecido e silenciado por completo, o que não se configura como uma verdade, uma vez que uma das formas de controle social e, conseqüentemente, de manifestação de poder que se pode vislumbrar no contexto midiático é que determinados assuntos, sujeitos e grupos sociais permanecem de forma marginalizada durante um dado período, até que em outro insurja no cenário midiático informacional de forma privilegiada. Contudo, isso não implica que a mídia é a única instância que permite que as lembranças não sejam esquecidas.

A linguagem (discurso) apresenta forte influência nos processos memoriais, atuando como instrumento socializador. Sabe-se que esta consegue reduzir, unificar e aproximar; no entanto, podemos salientar que a mesma não consegue abranger o mecanismo memorial, composto pelas memórias individuais e coletivas, oriundas das interações sociais e vivências do sujeito. Ferreira e Amaral destacam que:

A memória não pode existir sem o suporte técnico, como algo puramente cerebral; o passado não pode sobreviver sem os suportes técnicos que nos inscrevem numa determinada cultura, tradição. Posto que a memória não é possível sem artifícios como a linguagem, a escrita, falar de memória é falar de esquecimento. (FERREIRA ; AMARAL, 2004, p. 138)

Segundo Halbwachs (2006), a memória coletiva só é acionada quando as memórias individuais constituírem as linhas indispensáveis das lembranças e imagens remotas sob a forma de lembranças, entrelaçadas na tessitura memorial construída no decorrer do tempo. Lembranças e imagens são assim constituídas a partir de representações simbólicas impressas por meio da linguagem. Dessa forma, Kessel (2014) elabora a seguinte teoria:

As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem. Como afirma Eclea Bosí a linguagem é instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes, [...] Já a memória histórica tem no registro escrito um meio fundamental de preservação e comunicação. Memória individual, coletiva e histórica se interpenetram e se contaminam. Memórias individuais e coletivas vivem num permanente embate pela coexistência e também pelo *status* de se constituírem como memória histórica. (KESSEL, 2014, p. 4-5).

Logo, compreendemos que a memória opera a partir de uma seleção e pode se tornar um instrumento bélico político, uma vez que, o que preservar? O que representar? Aquilo que deve ter espaço na mídia segue o proselitismo social determinado por aqueles que se encontram-se no “centro”. Para os sujeitos que se encontram em posição marginal o esquecimento se faz presente de forma pungente, muitas vezes estabelecendo hegemonia. Logo, percebe-se que podemos compreender a memória como uma reconstrução racional do passado², erguida com base em quadros sociais bem definidos e delimitados, como o fez Halbwachs (2006), marcando um posicionamento político, uma ideologia, que pode ser do sujeito ou do grupo social em que o mesmo está inserido. Esse posicionamento é orientado por padrões éticos e ideológicos vigentes no período em que a ação de reconstrução da memória fora desencadeada. Para tanto, é fundamental perceber que a reconstrução do passado nada tem de natural, mas o estabelecimento de “verdades” construídas culturalmente e socialmente naturalizadas.

Para compreensão do que será elaborado nesse artigo se faz necessário o entendimento dos limites conceituais do que se propõe analisar, a saber história, memória e esquecimento, a partir das representações do personagem nordestino no contexto cinematográfico brasileiro, onde o esquecimento é componente fundamental na relação estabelecida entre história e memória.

Segundo Nora,

Memória, história: não são sinônimos de modo algum; na verdade, como já sabemos hoje, são opostos em todos os aspectos. [...] A memória é sempre um fenômeno atual, uma construção vivida em um presente eterno, enquanto que a história é representação do passado. [...] A memória orienta a

² Segundo Thiesen (2013, p. 34), a memória é uma construção social e não um reservatório de dados. Portanto, jamais pode ser resgatada, mas sim reconstruída. Trata-se então de colocar entre parênteses aquilo que em geral a sociedade toma como natural – a organização social que tem a família e a propriedade como alicerces, a própria noção de memória, as demais instituições que ocupam o campo social – problematizando tais noções, a fim de que possamos entender e revelar os mecanismos subjacentes às tramas sociais.

recordação para o sagrado, a história expulsa-a: seu objetivo é a desmistificação. A memória surge a partir de um grupo cuja conexão ela estimula. [...] A história, por sua vez, pertence a todos e a ninguém, e por isso é designada como universal (NORA, 1993, p 12).

Logo, adotamos as linhas de Roger Chartier para designar as representações, quando o mesmo afirma que elas articulam o mundo social com as “práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição” (CHARTIER, 1990, p. 23).

Assim, podemos compreender que o personagem nordestino³ fora construído e envolto em cenários que adotaram performances diferenciadas no decorrer da construção histórica. Albuquerque Jr. (2003) afirma que:

O tipo regional nordestino não existia até as primeiras décadas do século XX, surgindo quase que ao mesmo tempo que o recorte regional Nordeste, ou seja, em torno da segunda metade da década de dez. A primeira referência que encontramos ao uso do termo nordestino, para designar o habitante da área ocidental do antigo Norte, no diário de Pernambuco, por exemplo, data de 15 de novembro de 1919, quando o jornal se refere a um parecer do deputado Ildefonso Albano, do Ceará, sobre um projeto do deputado Eloy de Souza, do Rio Grande do Norte, que instituía um caixa especial, para financiar os esforços particulares visando [sic] irrigar as terras da região. Ao se referir a um discurso proferido, há dois anos, pelo mesmo deputado, sobre este assunto, o jornal o chama de “deputado nordestino”. (ALBUQUERQUE JR., 2003, p. 149).

Portanto, é possível vislumbrar as diversas construções de personagens nordestinos na produção cinematográfica nacional que revelam as diferentes facetas de um Nordeste geograficamente plural. Assim, o nordestino regionalista, encharcado por costumes e marcas culturais regionais, como o representado em “Dona Flor e Seus Dois Maridos” (1976), de Bruno Barreto, assim como em “Capitães de Areia” (2010), de Cecília Amado; o nordestino religioso tradicionalista, orientado por movimentos messiânicos que marcaram a história no século XX, como o representado “Guerra de Canudos” (1997), de Sérgio Rezende; o nordestino modernista do Cinema Novo, presente nas obras “O Pagador de Promessas” (1962), de Anselmo Duarte, assim como em “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964), de Glauber Rocha, dentre outras encarnações do nordestino no cinema brasileiro, como aquele assolado ou apoiador do movimento do cangaço largamente representado em “Lampião, a fera

³ Segundo Albuquerque Jr. (2003, p. 149), “[...] o termo ‘nordestino’ aparece para nomear os habitantes de uma área inicialmente compreendida entre os estados de Alagoas e Ceará, sendo, às vezes, aplicado, com menos frequência, para nomear também os habitantes do Piauí e do Maranhão. Podemos constatar, no entanto, que esta identidade regional vai se afirmando de forma muito lenta, convivendo pelo menos até os anos trinta com outras designações como: nortista, que se preserva ainda hoje no Sul do país; cearense, designando todos os habitantes do Nordeste que migravam para a Amazônia, em busca de borracha, também chamados de paroaras ou arigós; sertanejos; brejeiros; praieiros, [...]”.

do Nordeste” (1930), de Guilherme Gáudio; “O cangaceiro” (1953), de Lima Barreto; “A morte comanda o cangaço” (1960), de Carlos Coimbra e Walter Guimarães Motta; “Baile Perfumado” (1996), de Paulo Caldas e Lírio Ferreira; “Corisco & Dadá” (1996), de Rosemberg Cariry; e “O Auto da Compadecida” (1999), de Guel Arraes.

Desta maneira, o cinema passa sua visão de mundo para aqueles que assistem às suas produções. Rossini afirma:

[...] enquanto produtor de discursos que ajudam a dar visibilidade às representações sociais em torno das identidades culturais, nos [sic] permite compreender tanto os enfrentamentos, quanto às [sic] permanências e as mudanças presentes no campo social. Sendo o cinema um meio que articula discursos verbais e imagéticos [...] (ROSSINI, 2004, p. 2).

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as representações do personagem nordestino no contexto cinematográfico por meio de uma reconstrução memorial do cinema nacional.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O estudo recorreu à técnica de cartografia de documentos em uma perspectiva qualitativa, de cunho exploratório, tomando enquanto objeto de estudo os artefatos audiovisuais que apresentam em seu contexto fílmico personagens nordestinos.

A pesquisa foi realizada na base de dados da Cinemateca Brasileira⁴, instituição responsável pela preservação da produção audiovisual brasileira, que desenvolve atividades sobre a difusão e restauração do seu acervo, um dos maiores da América Latina, com cerca de 200 mil rolos de filmes, entre longas, curtas e cinejornais.

A partir do referido recorte metodológico foram encontradas 51 produções cinematográficas lançadas no período de 1930 a 2013, selecionadas segundo a disponibilidade e relevância da obra com os objetivos da pesquisa, que seguiu o seguinte roteiro:

1. Definição dos termos de busca;
2. Identificação da amostra no acervo digital;
3. Análise descritiva e temática da produção.

Na primeira etapa foram definidos os termos: “Nordeste”, “Nordeste brasileiro”, “Seca” e “Cangaço”, considerando-os como representativos para recuperação de itens no acervo pesquisado. A pesquisa na base de dados apresenta dois tipos de localização: Filmografia brasileira e Catálogo da biblioteca. O primeiro disponibiliza os registros de filmes

⁴ Órgão do Ministério de Educação e Cultura (MEC) ligado à Secretaria do Audiovisual, com sede na cidade de São Paulo e tem como endereço eletrônico www.cinemateca.gov.br.

e o segundo apresenta vários tipos de documento relacionados à produção audiovisual nacional, a exemplo de catálogos, fichas técnicas, roteiros, críticas, romances, biografias etc.

Para cada termo pesquisado foi selecionado o item Filmografia brasileira, que apresentou o seguinte resultado: 543 resultados para o termo “Nordeste”, 42 para o termo “Nordeste brasileiro”, 145 para o termo “Seca” e 64 para o termo “Cangaço”.

Na segunda etapa foram selecionados os filmes de longa-metragem considerando a disponibilidade de acesso do documento na Cinemateca ou em meio digital⁵ e a relevância da produção foi considerada de acordo com os metadados “Premiações” e “Observações”, esse último relacionado às críticas dos filmes.

Considerando a proposta do trabalho de analisar as representações do nordestino no cinema nacional, foram excluídos da amostra os documentários, curta-metragens e cinejornais, uma vez que os primeiros buscam apresentar o universo verossímilante do que é retratado, os segundos devido à dificuldade de acesso e os últimos pelo seu caráter jornalístico.

A terceira etapa corresponde à análise dos itens descritivos e temáticos da produção com o intuito de identificar os elementos de representação dos personagens nordestinos, bem como as formas de representação dos mesmos classificadas enquanto estereotipado/não estereotipado, pejorativo/não pejorativo ou nulo, conforme quadro apresentado nos resultados.

Analisar um filme, segundo Leutrat, é:

[...] delimitar um terreno, medi-lo, esquadrinhá-lo muito precisamente (trata-se de um fragmento de obra ou de uma obra inteira). Uma vez recortado e batizado o terreno, devemos nele, e em conformidade com a sua natureza, efetuar seus próprios movimentos de pensamento. Para este périplo é imperativo dispor de várias cartas, ou seja, de instrumentos trazidos de disciplinas diversas, para que se possa superpô-las, saltar de uma a outra, estabelecer as passagens, as trocas e as transposições [...]. A descoberta de tais signos depende das questões postas às obras, cada obra necessitando de questões particulares. Como diz Gérard Granel, “não há migalhas numa obra, nem ‘triagem’ possível entre o que seria importante, revelador ou insignificante”. [...] Afinal de contas, tudo pode ser levado em conta, dado que é disto que o sentido advém. (LEUREAT, 1995, p.32 *apud* MORETINN, 2011)

O estudo fora norteado metodologicamente embasado nas representações imagético-discursivas em torno dos personagens nordestinos no enredo fílmico, representações essas em que, em muitos casos, como aponta Paiva (2006), os signos de “nordestinidade” causam certo alarde, a medida que são difundidos na sociedade, corroborando para a construção e consolidação do imaginário popular acerca do Nordeste e do nordestino, que ecoam em

⁵ Considerando as páginas do www.youtube.com.br e www.megafilmeshd.net.

diversas áreas, estabelecendo a certificação do estereótipo de que o nordestino é um sertanejo forte que sofre com as condições socioeconômicas e climáticas em que está inserido.

Ella Shohat e Robert Stam (2006) se debruçaram sobre a questão dos estereótipos no cinema em seu estudo, apontando três motivos norteadores:

1. Revelar padrões opressivos de preconceito no que à primeira vista poderia parecer um fenômeno aleatório e esporádico;
2. Enfatizar a devastação psíquica infligida através dos retratos sistematicamente negativos sobre suas vítimas [...];
3. Assinalar a funcionalidade social dos estereótipos, demonstrando que eles não constituem erros de percepção, mas uma forma de controle social. (SHOHAT; STAM, 2006, p. 289).

A pesquisa aqui apresentada adota tais princípios, uma vez que Bhabha (2005) afirma que “o estereótipo é uma pré-construção ou uma montagem ingênua da diferença que autoriza a discriminação”. Em diálogo como o que fora exposto por Bhabha (2005), Albuquerque Jr. discorre que:

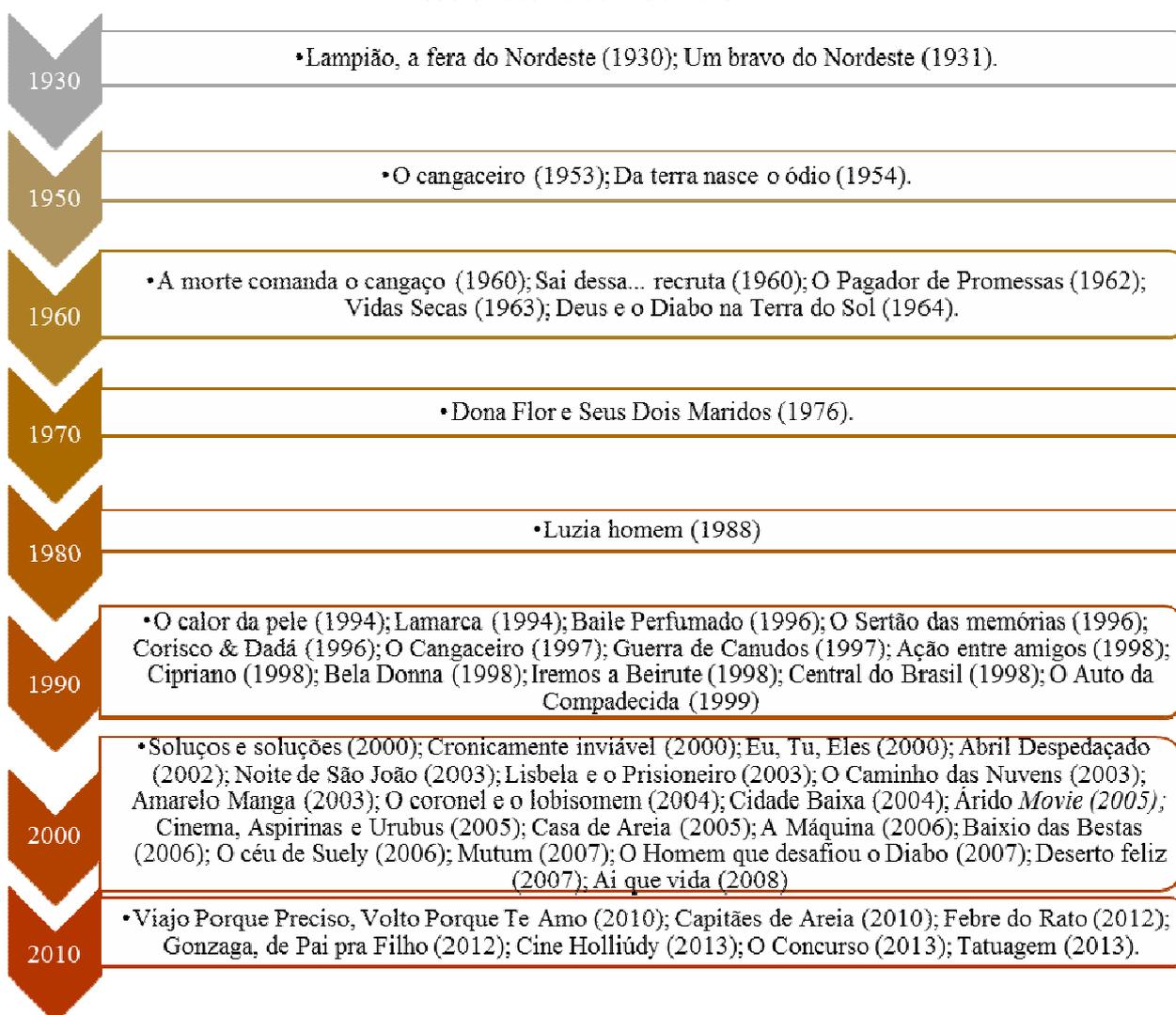
O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo. (ALBUQUERQUE JR.; 2010, p. 30).

Comprendemos, segundo Pesavento (2005, p. 25), que a representação não é a cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele; no entanto, o que se pode observar em dados momentos em obras audiovisuais é, como colocado por Oricchio (2003, p. 131) o sertão do nosso imaginário é o do cacto, o da terra rachada pela seca, o do sol causticante.

3 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Martins (2014) apresenta, em seu artigo “De Virgulino a Lampião: guerras de memórias nos filmes sobre o cangaceiro mais famoso do Brasil”, o conceito de “guerras de memórias” partindo da premissa de que não há memória sem história e se alinha pela relação antagônica entre esses dois polos, na qual a memória pode ser “monopública” – representar pequenos grupos, comunidades ou pessoas –, enquanto a história não escapa de seu dever mais universalista e abrangente. Com base em tal colocação, o estudo elaborou a seguinte cronologia.

Figura 1: Cronologia de filmes brasileiros com personagens nordestinos que compõem a amostra sob o recorte de 1930-2013



Fonte: Elaborado pelos autores, 2015.

As duas dimensões propostas por Martins (2014) se entrecruzam, nutrem-se e se confrontam, mas sem possuir barreiras intransponíveis, consolidando o que Ferro (1985, p. 115) afirma: “todos os filmes são objetos de análise” e, por apresentarem natureza documental, podem ser considerados fontes históricas. Como resultado do processo de análise fílmica, o Quadro 1 traz os dados extraídos das produções cinematográficas, além da classificação estabelecida pelos autores em tal processo.

Quadro 1: Representações descritivas dos filmes analisados

Nº	Década	Título	Ano	Duração (em minutos)	Gênero	Ator	Personagem	Forma de representação				
1	1930	Lampião, a fera do Nordeste	1930	-	Drama	Não identificado	Capitão Virgolino	Estereotipado e Pejorativo				
2		Um bravo do Nordeste ⁶	1931	-	Drama rural	Ernani Passos	Galã	Estereotipado e Não Pejorativo				
						Adalberto Montenegro	Coronel					
						Nice Buenos Aires	Filha do fazendeiro					
						Elizabeth Montenegro	Filha do fazendeiro					
					Francisco Rocha Filho	Falso comprador de gado						
3	1950	O cangaceiro	1953	95	Drama	Milton Ribeiro	Galdino	Estereotipado e Pejorativo				
Alberto Ruschel						Teodoro						
Marisa Prado						Olívia						
4			Da terra nasce o ódio	1954	86	Drama	Hercílio Lorenzetti	Nelson Rosa	Não Estereotipado e Não Pejorativo			
					Antônio Fragoso	Carlos Freitas						
					Mara Mesquita	Ângela, a dançarina						
					F. M. Peinado Garcia	Pedro Antônio						
5	1960	A morte comanda o cangaço	1960	108	Drama Rural	Milton Ribeiro	Silvério	Estereotipado e Pejorativo				
											Gilberto Marques	Coronel Nesinho
											Maria Augusta Costa Leite	Dona Cidinha
											Alberto Ruschel	Raimundo Vieira
											Aurora Duarte	Florinda
											José Mercaldi	Abdala
6		Sai dessa... recruta	1960	87	Comédia	Ankito	Aparício	Estereotipado e Não Pejorativo				
										Consuelo Leandro	Emengarda	
										Paulo Roberto da Silva	Chiquinho	
										Mario Tupinambá	Acarajé	
					Renato Restier	Sargento Leão						
7		O Pagador de Promessas	1962	118	Drama	Leonardo Villar	Zé do Burro	Estereotipado e Não Pejorativo				
										Glória Menezes	Rosa	

⁶ Considerado o primeiro longa-metragem realizado em solo alagoano.

8		Vidas Secas	1963	103	Drama	Átila Iório	Fabiano	Estereotipado e Pejorativo
						Maria Ribeiro	Sinhá Vitória	
						Jofre Soares	Fazendeiro	
9		Deus e o Diabo na Terra do Sol	1964	125	Drama Rural	Geraldo del Rey	Manuel	Estereotipado e Pejorativo
						Yoná Magalhães	Rosa	
						Othon Bastos	Corisco	
						Maurício do Valle	Antônio das Mortes	
						Lídio Silva	Sebastião	
						Sônia dos Humildes	Dadá	
10	1970	Dona Flor e Seus Dois Maridos	1976	118	Comédia	Sonia Braga	Dona Flor	Estereotipado e Pejorativo
						José Wilker	Vadinho	
						Mauro Mendonça	Teodoro	
11	1980	Luzia homem	1988	104	Drama	Cláudia Ohana	Luzia	Não Estereotipado e Não Pejorativo
						José de Abreu	Raulino	
						Thales Pan Chacon	Alexandre	
						Luiza Falcão	Tereza	
						João Leite	Pai de Luzia	
						Tchéky Karyo	Hermes	
						Amanda Pays	-	
						Raul Cortez	-	
Giulia Gam	-							
13		O calor da pele	1994	81	Drama	B. de Paiva	Américo	Estereotipado e Pejorativo
						Patricia França	Zélia	
14	1990	Lamarca ⁷	1994	130	Drama biográfico	Paulo Betti	Carlos Lamarca	Estereotipado e Não Pejorativo
						Carla Camurati	Clara	
						Roberto Bomtempo	Fio	
16		Baile Perfumado	1996	93	Drama	Deborah Evelyn	Marina	Não Pejorativo e Não Estereotipado
						Duda Mamberti	Benjamin Abrahão	
						Luiz Carlos Vasconcelos	Lampião	
						Aramis Trindade	Tenente Lindalvo Rosas	
						Chico Díaz	Coronel Zé de Zito	

⁷ Outra referência de título “Lamarca, o coração em chamas”.

17		O Sertão das memórias	1996	102	Drama Rural	Antero Marques Araújo Maria Emilce Pinto	Antero Maria	Estereotipado e Pejorativo		
18		Corisco & Dadá	1996	112	Drama	Chico Díaz Dira Paes	Corisco Dadá		Estereotipado e Pejorativo	
19		O Cangaceiro	1997	120	Drama	Paulo Gorgulho Alexandre Paternost Luíza Thomé Ingra Liberato	Galdino Teodoro Maria Bonita Olívia	Estereotipado e Pejorativo		
20		Guerra de Canudos	1997	160	Drama	Cláudia Abreu José Wilker	Luiza Antônio Conselheiro		Estereotipado e Não Pejorativo	
21		Ação entre amigos	1998	76	Drama	Zecarlos Machado Carlos Meceni Genésio de Barros Cacá Amaral	Miguel Paulo Osvaldo Elói			Não estereotipado e Não Pejorativo
22		Cipriano	1998	70	Drama	Chiquim Pereira Wilma Alcântara Tarciso Prado Fernando Freitas	Vicente Bigail Cipriano Morte		Estereotipado e Não Pejorativo	
23		Bela Donna ⁸	1998	110	Drama	Eduardo Moscovis Natasha Henstridge Andrew McCarthy Odilon Wagner Florinda Bolkan	Nô Donna Frank John Mãe Ana	Não Pejorativo e Estereotipado		
24		Iremos a Beirute	1998	98	Drama	Giovanna Gold Guilherme Karam Ilya São Paulo João Andrade Joca	Salma Gibran Iziz Beto			
25		Central do Brasil	1998	112	Drama	Fernanda Montenegro Vinícius Oliveira	Dora Josué			Pejorativo e Estereotipado
27		O Auto da Compadecida	1999	157	Comédia Drama	Matheus Nachtergaele Selton Mello Marco Nanini	João Grilo Chicó Cangaceiro Severino de		Estereotipado e Não Pejorativo	

⁸ A obra cinematográfica tem origem no livro Riacho Doce.

						Aracaju		
						Fernanda Montenegro	Nossa Senhora (Compadecida)	
						Denise Fraga	Dora	
						Lima Duarte	Bispo	
						Rogério Cardoso	Padre João	
						Diogo Vilela	Eurico	
						Maurício Gonçalves	Jesus Cristo	
						Virginia Cavendish	Rosinha	
						Paulo Goulart	Major Antônio Morais	
						Luís Melo	Satanás	
						Bruno Garcia	Seu Vicentão	
						Enrique Diaz	Capanga De Severino	
						Aramis Trindade	Cabo Setenta	
28	2000	Soluços e soluções	2000	100	Drama	Paulo Goulart	Narrador	Estereotipado e Pejorativo
Eucir de Souza						Carlos Ramalho		
Eduardo Silva						Dani		
Francisco Carvalho						João		
29		Cronicamente inviável	2000	101	Drama	Umberto Magnani	Alfredo	Estereotipado e Pejorativo
Dira Paes						Amanda		
Dan Stulbach						Adam		
Daniel Dantas						Carlos		
Cecil Thiré						Luís		
30		Eu, Tu, Eles	2000	104	Drama Comédia Romance	Betty Gofman	Maria Alice	Estereotipado e Não Pejorativo
Regina Cazé						Darlene		
Lima Duarte						Osias		
Stênio Garcia						Zezinho		
31	Abril Despedaçado	2002	105	Drama	Luiz Carlos Vasconcelos	Ciro	Não Estereotipado e Não Pejorativo	
Rodrigo Santoro					Tonho			
						José Dumont	Pai	
32	Noite de São João	2003	90	Drama	Marcelo Serrado	João	Estereotipado e Não Pejorativo	
Fernanda Rodrigues					Júlia			
Dira Paes					Joana			

						Araci Esteves	Vó Joaquina	
33	Lisbela e o Prisioneiro	2003	106	Comédia		Débora Falabella	Lisbela de Nogueira e Lima	Pejorativo e Estereotipado
						Selton Mello	Leléu Antônio da Anunciação	
						Marco Nanini	Frederico Evandro	
						Bruno Garcia	Douglas	
						Virginia Cavendish	Inaura	
34	O Caminho das Nuvens	2003	86	Drama		Wagner Moura	Romão	Não pejorativo e Estereotipado
						Cláudia Abreu	Rose	
35	Amarelo Manga	2003	100	Drama		Matheus Nachtergaele	Dunga	Não pejorativo e Estereotipado
						Jonas Bloch	Isaac	
						Dira Paes	Kika	
						Chico Diaz	Wellington	
						Leona Cavalli	Lígia	
36	O coronel e o lobisomem	2004	106	Comédia		Ana Paula Arósio	Prima Esmeraldina	Pejorativo e Estereotipado
						Diogo Vilela	Coronel Ponciano de Azeredo Furtado	
						Andréa Beltrão	Dona Bébé	
						Francisco Milani	Doutor Serapião	
						Othon Bastos	Avô Simeão	
						Selton Mello	Pernambuco Nogueira	
37	Cidade Baixa	2004	93	Drama		Lázaro Ramos	Deco	Não pejorativo e Não estereotipado
						Wagner Moura	Naldinho	
						Alice Braga	Karina	
38	Árido <i>Movie</i>	2005	115	Drama		Guilherme Weber	Jonas	Pejorativo e Estereotipado
						Giulia Gam	Soledad	
						Gustavo Falcão	Falcão	
						Selton Mello	Bob	
						José Dumont	Falcão	
39	Cinema, Aspirinas e Urubus	2005	104	Drama		João Miguel	Ranulpho	Estereotipado e Pejorativo
40	Casa de Areia	2005	103	Drama		Fernanda Montenegro	D. Maria / Áurea	Nulo
						Fernanda Torres	Áurea e Maria	

						Ruy Guerra	Vasco de Sá	
						Seu Jorge	Massu, de 1910 a 1919	
						Luiz Melodia	Massu, em 1942	
41		A Máquina	2006	90	Romance Fantástico	Mariana Ximenes	Karina	Estereotipado e Não Pejorativo
						Gustavo Falcão	Antônio	
42		Baixio das Bestas	2006	80	Drama	Caio Blat	Cícero	Estereotipado e Pejorativo
						Mariah Teixeira	Auxiliadora	
						Matheus Nachtergaele	Everardo	
						Dira Paes	Bela	
						Marcélia Cartaxo	Ceiça	
43		O céu de Suely	2006	90	Drama	Hermila Guedes	Hermila	Pejorativo e Estereotipado
44		Mutum	2007	95	Drama	Thiago da Silva Mariz	Thiago	Não Pejorativo e Estereotipado
						Wallison Felipe Leal Barroso	Felipe	
45		O Homem que desafiou o Diabo	2007	106	Comédia	Marcos Palmeira	Zé Araújo/Ojuara	Estereotipado e Pejorativo
						Lívia Falcão	Dualiba	
						Fernanda Paes Leme	Genifer	
						Sérgio Mamberti	Coronel Ruzivelte	
						Flávia Alessandra	Mãe de Pantanha	
						Renato Consorte	Turco	
46		Deserto feliz	2007	88	Drama	Nash Laila	Jessica	Estereotipado e Pejorativo
						Peter Ketnath	Mark	
						Hermila Guedes	Pâmela	
						Zezé Motta	Dona de vaga	
47		Ai que vida	2008	100	Comédia	Feliciano Popô	Zé Leitão	Estereotipado e Não Pejorativo
						Toinha Catingueiro	Cleonice	
						Irisceli Queiroz	Charlene	
						Rômulo Augusto	Valdir	
48	2010	Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo	2010	75	Drama	Irândhir Santos	José Renato	Não pejorativo e Não estereotipado
49		Capitães de Areia	2010	96	Drama Aventura	Jean Luis Amorim	Pedro Bala	Não pejorativo e Não estereotipado
						Ana Graciela	Dora	
						Robério Lima	Professor	

						Paulo Abade	Gato	
						Israel Gouvêa	Sem pernas	
						Marinho Gonçalves	Querido de Deus	
50	Febre do Rato	2012	110	Drama		Irândhir Santos	Zizo	Estereotipado e Não Pejorativo
						Nanda Costa	Eneida	
						Juliano Cazarré	Boca Mole	
						Matheus Nachtergaele	Pazinho	
						Mariana Nunes	Rosângela	
						Ângela Leal	D. Marieta	
						Maria Gladys	Stellamaris	
51	Gonzaga, de Pai pra Filho	2012	120	Drama biográfico		Land Vieira	Luiz Gonzaga	Não pejorativo e Não estereotipado
						Chambinho do Acordeon		
						Adélio Lima		
						Júlio Andrade		
52	Cine Holliúdy	2013	91	Ficção		Edmilson Filho	Francisgleydisson	Pejorativo e Estereotipado
						Miriam Freeland	Maria Das Graças	
						Roberto Bomtempo	Olegário Elpídio	
53	O Concurso	2013	90	Comédia	Anderson Di Rizzi	Freitas	Não pejorativo e Estereotipado	
54	Tatuagem	2013	110	Drama		Irândhir Santos	Clécio	Não pejorativo e Não estereotipado
						Jesuíta Barbosa	Fininha	

Fonte: Elaborado pelos autores.

No âmbito da Ciência da Informação (CI), Otlet define documento como:

[...] o livro, a revista, o jornal, é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música, é também atualmente o filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica. Ao lado dos textos e imagens há objetos documentais por si mesmos (OTLET, 1937).

Buckland (1991) corrobora tal afirmação ao atribuir um conceito que possibilita uma interpretação alargada que inclui, além dos textos, as fotografias, as gravações e até mesmo as produções cinematográficas, dado o seu teor informacional.

O termo “informação” é também atribuído para objetos, assim como dados para documentos, que são considerados como “informação” porque são relacionados como sendo informativos, tendo a qualidade de conhecimento comunicado ou comunicação, informação, algo informativo⁹. (BUCKLAND, 1991, p. 351).

Logo, as produções cinematográficas como fontes informacionais podem ser consideradas documentos históricos passíveis de análise, e o campo das representações passa a ser apenas parte dos possíveis estudos que têm os artefatos culturais de natureza cinematográfica como fonte. Assim, a partir da amostra composta por 54 (cinquenta e quatro) produções cinematográficas inscritas sob o recorte cronológico 1930-2013 é possível vislumbrar uma reconstrução histórica por meio de uma cronologia que organiza as produções sob a égide temporal.

No cenário analisado, as primeiras produções cinematográficas vivificam o cenário onde as condições climáticas, a ignorância e as questões econômicas desfavoráveis delineiam um cenário complexo e que evidenciam características negativas. “Lampião, a fera do Nordeste” (1930), “Um bravo do Nordeste” (1931), “O cangaceiro” (1953), “Da terra nasce o ódio” (1954), “A morte comanda o cangaço” (1960), “Sai dessa... recruta” (1960), “O Pagador de Promessas” (1962), “Vidas Secas” (1963), “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964) trazem em sua construção fotográfica um Nordeste brasileiro, segundo a visão proposta por Raboni:

[...] um mundo insondável para os primeiros colonos que se estabeleceram no território da América Portuguesa. Suas florestas escuras e retorcidas faziam dessa região um lugar impossível de se alcançar. Apenas através da imaginação se poderiam sondar os recônditos do desconhecido. O ameaçador mar tenebroso já causava menos medo, dúvida e assombro do que essas ermas, distantes e misteriosas regiões. (RABONI, 2008, p. 2).

⁹ The term “information” is also used attributively for objects, such as data and documents, that are referred to as “information” because they are regarded as being informative, as “having the quality of imparting knowledge or communicating information; instructive.

Percebe-se a construção de um contexto inóspito, retratando a seca, a vegetação seca e espinhosa em função das intempéries climáticas, além dos personagens, que seguem, sem exceção, o discurso de Bagno (1999), representando um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador.

É imprescindível ressaltar que o cangaço aufere largo espaço nas representações, se não na representação dos personagens principais, aparecem como pano de fundo no contexto fílmico, surgindo em: “Luzia homem” (1988); “Corisco e Dadá” (1996); “Baile Perfumado” (1996); “O cangaceiro” (1997); “O Auto da Compadecida” (1999), além dos supra citados.

O filme “Baile Perfumado” (1997), de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, apresenta uma estética improvável e características inverossimilhantes, onde um sertão de vegetação abundante e o próprio Virgulino Ferreira da Silva (1897-1938), popularmente chamado de Lâmpião, é retratado como um homem de gostos refinados e sofisticados, o que difere do personagem construído pela narrativa historiográfica.

Na primeira década dos anos 2000, o cinema brasileiro passa por um amadurecimento tanto temático quanto no campo das representações. As obras: “Soluços e soluções” (2000); “Cronicamente inviável” (2000); “Eu, Tu, Eles” (2000); “Abril Despedaçado” (2002); “Noite de São João” (2003); “Lisbela e o Prisioneiro” (2003); “O Caminho das Nuvens” (2003); “Amarelo Manga” (2003); “O coronel e o lobisomem” (2004); “Cidade Baixa” (2004); “Árido Movie” (2005); “Cinema, Aspirinas e Urubus” (2005); “Casa de Areia” (2005); “A Máquina” (2006); “Baixio das Bestas” (2006); “O céu de Suely” (2006); “Mutum” (2007); “O Homem que desafiou o Diabo” (2007); “Deserto feliz” (2007); “Ai que vida” (2008) trazem em seu enredo fílmico personagens que atuam em contextos diversos. Podemos perceber que, anteriormente, existia uma predominância de personagens rurícolas, que ocupavam subempregos e viviam à mercê de intempéries climáticas que assolam a região. A partir da primeira década do século XXI se pode observar uma ruptura lenta e progressiva que aufere ao personagem nordestino um plano multifacetado de atuação no cinema nacional.

Por fim, as obras cinematográficas do início da segunda década do século XXI seguem com as mudanças, trazendo personagens que representam tais transformações, como é o caso das obras: “Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo” (2010), de Marcelo Gomes e Karim Aïnouz; “Capitães de Areia” (2010), de Cecília Amado; “Febre do Rato” (2012), de Cláudio Assis; “Tatuagem” (2013), de Hilton Lacerda; bem como dramas biográficos verossimilhantes como em “Gonzaga, de Pai pra Filho” (2012), de Breno Silveira.

Porém, é necessário ressaltar que ecos estereotipados ainda perduram nas obras: “Cine Holliúdy” (2013), de Halder Gomes e “O Concurso” (2013), de Pedro Vasconcellos, ainda

trazem personagens que são construídos em moldes inverossimilhantes, que falam, atuam e vivificam personagens difíceis de se encontrar até mesmo no Nordeste representado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou uma perspectiva de análise fílmica a partir dos estudos de representação de uma comunidade discursiva por meio da produção cinematográfica brasileira, ressaltando, assim, os personagens nordestinos e seus aspectos sociais e culturais que reforçam uma imagem estereotipada dos mesmos.

Enquanto objeto de estudo na Ciência da Informação, o cinema configura-se como fonte profícua no tocante ao debate sobre o conceito de informação e documento, que favorece a discussão a respeito das representações descritivas e temáticas desse recurso informacional, uma vez que sua narrativa revela os aspectos sociopolíticos e culturais de uma comunidade discursiva, além de registrar a memória coletiva da mesma e comunicá-la por meio da produção cinematográfica.

Assim se pode compreender, após o término da análise fílmica, que existem aspectos constitutivos de uma imagem regional por meio das representações do nordestino no cinema nacional. Ressalta-se que as primeiras produções trazem representações que apresentam o nordestino como sujeito oriundo de zonas rurais, de pouca instrução, revelando ainda um ambiente violento, apresentando as marcas da ignorância e da pobreza, ressaltando as características climáticas, políticas e socioeconômicas desfavoráveis.

Em contrapartida, faz-se necessário pontuar que o nordestino oriundo das representações cinematográficas da última década do século XX e primeiros anos do século XXI trazem no enredo fílmico personagens que atuam em contextos diversos. Podemos concluir que a partir da primeira década do século XXI se pode observar uma ruptura lenta e progressiva que afere ao personagem nordestino um plano multifacetado de atuação no cinema nacional.

REFERÊNCIAS

ABRIL Despedaçado. Direção: Walter Salles. Roteirista: Walter Salles, Sérgio Machado e Karim Aïnouz. Porto Alegre: Lumiere; Rio de Janeiro: Vídeo Filmes, 2002. 1 filme (105 min).

AÇÃO entre amigos. Direção: Beto Brant. Roteirista: Beto Brant, Marçal Aquino e Renato Ciasca. São Paulo: Dezenove Som e Imagens Produções Ltda, 1998. 1 filme (76 min).

AI que vida. Direção: Cícero Filho. Roteiro: Cícero Filho e Diógenes Macêdo. 2008. 1 filme (100 min).

ALBUQUERQUE JR., D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino** (Nordeste - 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

A MÁQUINA. Direção: João Falcão. Roteirista: João Falcão e Adriana Falcão. Rio de Janeiro: Globo Filmes: Diler e Associados; Buenos Aires: Miravista, 2006. 1 filme (90 min).

AMARELO Manga. Direção: Cláudio Assis. Roteirista: Hilton Lacerda. Recife: Parabólica Brasil; São Paulo: Olhos de Cão Produções Cinematográficas, 2003. 1 filme (100 min).

A MORTE comanda o cangaço. Direção e Roteiro: Carlos Coimbra. São Paulo: Aurora Duarte Produções Cinematográficas Ltda, 1960. 1 filme (108 min).

ÁRIDO Movie. Direção: Lírío Ferreira. Roteirista: Hilton Lacerda, Eduardo Nunes, Sergio Oliveira e Lírío Ferreira. Rio de Janeiro: Cinema Brasil Digital, 2005. 1 filme (115 min).

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 45. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BAILE Perfumado. Direção: Paulo Caldas e Lírío Ferreira. Roteirista: Hilton Lacerda, Lírío Ferreira e Paulo Caldas. Recife: Governo do Estado de Pernambuco: Banco do Nordeste do Brasil, 1996. 1 filme (93 min).

BAIXIO das Bestas. Direção: Cláudio Assis. Roteirista: Hilton Lacerda. Recife: Parabólica Brasil, 2006. 1 filme (80 min).

BELA Donna. Direção: Fábio Barreto. Roteirista: Amy Ephron. Rio de Janeiro: L. C. Barreto: Filmes do Equador Ltda, 1998. 1 filme (110 min).

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991.

CAPITÃES de Areia. Direção: Cecília Amado. Roteiro: Cecília Amado e Hilton Lacerda. Rio de Janeiro: Telecine, 2010. 1 filme (96 min).

CASA de Areia. Direção: Andrucha Waddington. Roteirista: Elena Soárez. Rio de Janeiro: Globo Filmes: Conspiração Filmes: Columbia Tristar Filmes do Brasil, 2005. 1 filme (103 min).

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles. Roteiro: João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein. Rio de Janeiro: Videofilmes: Riofilme; MACT Productions; E.S.R. Films Ltda.; São Paulo: Cinematográfica Superfilmes, 1998. 1 filme (112 min).

CHARTIER, R. **A história cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CIDADE Baixa. Direção: Sérgio Machado. Roteirista: Sérgio Machado e Karim Ainouz. Rio de Janeiro: VideoFilmes; Belo Horizonte: Buena Onda, 2004. 1 filme (93 min).

CINE Holliúdy. Direção e Roteiro: Halder Gomes. Produção executiva: Dayane Queiroz e Edmilson Filho. Rio de Janeiro: Downtown Filmes; RioFilme; Aquiraz: ATC Entretenimentos, 2012. 1 filme (92min).

CINEMA, Aspirinas e Urubus. Direção: Marcelo Gomes. Roteiro: Karim Aïnouz, Paulo Caldas e Marcelo Gomes. Recife: Rec Produtores Associados Ltda, 2005. 1 filme (104 min).

CIPRIANO. Direção e Roteirista: Douglas Machado. Teresina: Trinca Filmes, 1998. 1 filme (70 min).

CORISCO & Dadá. Direção e Roteiro: Rosemberg Cariry. Fortaleza: Cariri Filmes, 1996. 1 filme (112 min).

CRONICAMENTE inviável. Direção: Sérgio Bianchi. Roteirista: Sérgio Bianchi e Gustavo Steinberg. São Paulo: Agravo Produções Cinematográficas, 2000. 1 filme (101 min).

DA TERRA nasce o ódio. Direção e Roteiro: Antoninho Hossri. Santa Rita do Passa Quatro: Cinematográfica Santa Rita, 1954. 1 filme (86 min).

DESERTO feliz. Direção: Paulo Caldas. Roteiro: Paulo Caldas, Marcelo Gomes, Manoela Dias e Xico Sá. Recife: Camará Filmes, 2007. 1 filme (88 min).

DEUS e o Diabo na Terra do Sol. Direção e Roteiro: Glauber Rocha. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 1964. 1 filme (125 min).

DONA Flor e Seus Dois Maridos. Direção: Bruno Barreto. Roteirista: Barreto, Leopoldo Serran e Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Produções Cinematográficas L. C. Barreto Ltda, 1976. 1 filme (118 min).

EU, Tu, Eles. Direção: Andrucha Waddington. Roteirista: Elena Soárez. Culver City: Columbia: Sony Pictures Entertainment Company; Rio de Janeiro: Conspiração Filmes: Columbia Tristar Filmes do Brasil, 2000. 1 filme (104 min).

FEBRE do Rato. Direção: Claudio Assis. Roteiro: Hilton Lacerda. Rio de Janeiro: República Pureza Filmes; São Paulo: BelaVista Cinema, 2012. 1 filme (110 min).

FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade**, v. 4, p.137-166, abr. 2004.

FERRO, M. Y. A-t-il une vision filmique de l'histoire. In: FERRO, M. **L'Histoire sous surveillance**. Paris: Calman-Lévy, 1985.

GONZAGA, de Pai pra Filho. Direção: Breno Silveira. Roteiro: Patricia Andrade. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2012. 1 filme (120 min).

GUERRA de Canudos. Direção: Sérgio Rezende. Roteiro: Paulo Halm e Sérgio Rezende. Rio de Janeiro: Morena Filmes, 1997. 1 filme (160 min).

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IREMOS a Beirute. Direção: Marcus Moura. Roteirista: Marcus Moura, Orlando Senna e Marcus Sá. Fortaleza: Luz Filmes, 1998. 1 filme (98 min).

KESSEL, Z. **Memória e memória coletiva**. Disponível em:
<<http://museudapessoa.postbox.com.br/adm/Upload/291I6110920121916535P032.pdf>>.
Acesso em: 04 set. 2014.

LAMARCA. Direção: Sérgio Rezende. Roteirista: Sérgio Rezende e Alfredo Oroz. Rio de Janeiro: Morena Filmes: Cinema Filmes, 1994. 1 filme (130 min).

LAMPIÃO, a fera do Nordeste. Produção: José Nelli. Salvador : Nelli Films, 1930. 1 filme.

LISBELA e o Prisioneiro. Direção: Guel Arraes. Roteirista: Guel Arraes, Jorge Furtado e Pedro Cardoso. Rio de Janeiro: Natasha Filmes, 2003. 1 filme (106 min).

LUZIA homem. Direção: Fábio Barreto. Roteiro: Fábio Barreto e Tairone Feitosa. Rio de Janeiro: Produções Cinematográficas L.C. Barreto Ltda, 1988. 1 filme (104 min).

MARTINS, A. V. De Virgulino a Lampião: guerras de memórias nos filmes sobre o cangaceiro mais famoso do Brasil. In: **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 3, n. 2, jul.-dez. 2014.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena et all. **Historia e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2ª. ed. São Paulo: Alameda, 2011.

MUTUM. Direção: Sandra Kogut. Roteiro: Ana Luiza Martins Costa e Sandra Kogut. Buenos Aires: Gloria Films; Rio de Janeiro: Tambellini Filmes, 2007. 1 filme (95 min).

NOITE de São João. Direção : Sérgio Silva. Roteiro: Rodrigo Portela , Paulo Berton e Sérgio Silva. 2003. 1 filme (90 min).

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

O AUTO da Compadecida. Direção: Guel Arraes. Roteirista: Adriana Falcão, Guel Arraes e João Falcão. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 1999. 1 filme (157 min).

O CALOR da pele. Direção e Roteiro: Pedro Jorge de Castro. Brasília: Animatógrafo Cinema e Vídeo Ltda, 1994. 1 filme (81 min).

O CAMINHO das Nuvens. Direção: Vicente Amorim. Roteirista: David França Mendes. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2003. 1 filme (86 min).

O CANGACEIRO. Direção e Roteiro: Lima Barreto. São Paulo: Companhia Cinematográfica Vera Cruz S.A., 1953. 1 filme (95 min).

O CANGACEIRO. Direção: Anibal Massaini Neto. Roteirista: Antonio Carlos Fontoura. São Paulo: Cinearte, 1997. 1 filme (120 min).

O CÉU de Suely. Direção: Karim Aïnouz. Roteiro: Roteirista: Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias. Rio de Janeiro: VideoFilmes Produções Artísticas Ltda.; Paris: Celluloid Dreams; Shotgun Pictures, 2006. 1 filme (90 min).

O CONCURSO. Direção: Pedro Vasconcelos. Roteiro: LG Tubaldini Jr. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2013. 1 filme (90 min).

O CORONEL e o lobisomem. Direção: Maurício Farias. Roteiro: Guel Arraes, João Falcão e Jorge Furtado. 2004. 1 filme (106 min).

O HOMEM que desafiou o Diabo. Direção: Moacyr Góes. Roteiro: Moacyr Góes, Bráulio Tavares e Nei Leandro de Castro. 2007. 1 filme (106 min).

O PAGADOR de Promessas. Direção e Roteiro: Anselmo Duarte. São Paulo: Cinedistri - Companhia Produtora e Distribuidora de Filmes Nacionais, 1962. 1 filme (118 min).

O SERTÃO das memórias. Direção e Roteiro: José Araújo. Fortaleza: Ganesch Produções, 1996. 1 filme (102 min).

ORICCHIO, L. Z. **Cinema de novo: um balanço crítico da retomado.** São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

OTLET, P. **Documentos e documentação.** Paris, 1937. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bitit/otlet/index.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

PAIVA, C. C. S. **A virtude como um signo primordial da nordestinidade: análise das representações da identidade social nordestina nos filmes O Pagador de Promessas (1962) e Sargento Getúlio (1983).** Salvador: Universidade do Estado da Bahia. 2006.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RABONI, A. Por uma história da ocupação dos sertões de Pernambuco. 2008. Disponível em: <<http://acertodecontas.blog.br/artigos/breve-historia-do-sertao-pernambucano/>>. Acesso em: 01 fev. 2015.

ROSSINI, M. de S. Discursos sobre identidades culturais no cinema brasileiro dos anos 90. **IV Encontro de Núcleos de Pesquisa da INTERCOM.** Porto Alegre, 2004.

SAI dessa... recruta. Direção: Hélio Barrozo Netto. Roteiro: Ivan P. Barbosa e Mário M. Guimarães. Rio de Janeiro: Cinedistri Ltda, 1960. 1 filme (87 min).

SHOHAT, E.; STAM, R. **Crítica da imagem eurocêntrica.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SOLUÇOS e soluções. Direção: Edu Felistoque e Nereu Cerdeira. Roteiro: Edu Felistoque. 2000. 1 filme (100 min).

TATUAGEM. Direção e roteiro: Hilton Lacerda. Recife: Rec Produtores Associados Ltda, 2013. 1 filme (110 min).

THIESEN, Icléia. **Memória Institucional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. 312p.

UM BRAVO do Nordeste. Direção: Edison Chagas. Roteiro: Ernani Passos, Edison Chagas. Maceió, 1931. 1 filme.

VIAJO Porque Preciso, Volto Porque Te Amo: Direção e Roteiro: Karim Aïnouz e Marcelo Gomes. 2010. 1 filme (75 min).

VIDAS Secas. Direção e Roteiro: Nelson Pereira dos Santos. Rio de Janeiro: Produções Cinematográficas Herbert Richers S.A., 1963. 1 filme (103 min).